

Encontros que fortalecem

NÃO ENCONTRAREMOS nas páginas deste escrito¹ discussões racializadas, mas a origem dos pensamentos aqui expostos nos brindam com a intelectualidade negra. O encontro dos presentes autores é traço de uma leitura apaixonante, em cada uma das páginas que vamos adentrar.

A Revista Carioca de Direito é um periódico que reconhece talentos, expertises, sofisticados embasamentos teóricos, uma transmissão de conhecimentos de excelência e dedicação ao serviço público por parte de notáveis autores. Uma contribuição, seja para as letras jurídicas, seja para o direito, seja para o cotidiano da gestão pública da cidade e a legitimidade das decisões tomadas por seus gestores.

Revela-se um cuidado com a “Casa Comum”, como bem destacou o Papa Francisco, em sua Encíclica *Fratelli Tutti*, de 2020, em que todos os seres, humanos e não humanos, são considerados indispensáveis, um pensamento avançado, da ideia retratada no Relatório Brundtland, intitulado “Nosso Futuro Comum, publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e que popularizou o conceito de desenvolvimento sustentável nos idos da década de setenta do século/milênio passados, mas que tinha no homem o ser “mais precioso de todos”. Essa Casa Comum é o próprio presente livro, como ambiente de prática e estímulo a uma leitura que reconhece,

¹ Esse escrito se refere aos artigos jurídicos constantes da seção 1 do periódico.

este encontro de intelectuais negros, como um brinde às reflexões que estes nos propõem.

Nossos autores e/ou coautores, em suas diversas áreas e experiências, como acadêmicos do Direito, matemáticos, procuradores municipais, promotores de justiça, advogados da iniciativa privada, magistrados, pesquisadores, gestores, apresentam riquíssimas considerações, além de suas biografias admiráveis, o que nos tornam pessoas ainda melhores após a leitura desta edição.

Os temas abordados são técnicos e estão relacionados, de maneira direta ou indireta, com reflexões científicas relacionadas às suas áreas de atuação: da tecnologia da informação e da ciência informacional ao direito por meio da jusmetria e suas novas metodologias para o tratamento de dados sob custódia estatal. Caminhamos no presente escrito também pelo Direito Tributário ao típico ato administrativo do tombamento, com vistas à preservação do patrimônio cultural de uma cidade. Destaca-se o olhar sobre a vulnerabilidade etária com sua transformação axiologicamente empoderada graças ao princípio da prioridade do idoso na interpretação dos planos de carreira do serviço público. Privilegia-se ainda a reflexão sobre a invisibilidade da informação, típica de regimes autoritários, para a análise da transparência ativa do governo eletrônico, democrático, carioca e suas possibilidades de aprimoramento. E ainda cabe refletir: o que, do eixo epistemológico comum, existe em relação uns aos outros? Nestes artigos que compõem o volume principal desta edição?

A edição atual não tem como mote a questão racial, mas o encontro de intelectuais negros retém a potência da representatividade, o que não o torna isento. São existências que, através destes autores, podem se enxergar protagonistas de suas histórias, ampliando perspectivas de novas histórias em diversas áreas.

Essa negritude que representa a maioria da população desta cidade ainda é minoria nos bancos universitários, nos programas de estágio e residência jurídica, a despeito das cotas raciais, e também nas carreiras jurídicas, tecnológicas e outras de nível superior. Em verdade, uma maioria minorizada, tal qual a das

mulheres, que mereceram dossiê num encarte próprio para seguir a tradição iniciada em 2023, de protagonismo.

Como diria Jorge Aragão, célebre sambista carioca, isso, na verdade, não é coisa de cor apenas, é da própria pele, “sentida por nós, desatando os nós. Sabemos agora, nem tudo o que é bom vem de fora”. É coisa de quem já passou do Bojador, porque certamente já passou pela dor.

É uma honra estar num livro cuja negritude, as trajetórias negras, revelam protagonistas e suas competências. É sobre os tempos. Os tempos das coisas. É sobre colocar a branquitude opressora, o patriarcado herdado do passado colonial, bem distante, quatrocentos anos para trás!

Rafaela Bastos*

Presidente do Instituto Fundação João Goulart

* Presidente do Instituto Fundação João Goulart, Head NudgeRio e Vice-presidente de Projetos Especiais da Mangueira. Geógrafa, Especialista em Economia Comportamental e Branding. Mestranda em Políticas e Análises Internacionais.